EMENTÁRIO

DISCIPLINAS 2026/2

Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PPGFIL/UERJ

QUESTÕES DE FILOSOFIA MODERNA

Docentes: Marcio Francisco e Marcos André Gleizer
Disciplina: Questões de Filosofia Moderna
Tema/subtítulo: A teoria da afetividade de Espinosa
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: segunda-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

A disciplina terá por objetivo apresentar e discutir a teoria da afetividade de Espinosa por meio da leitura e análise da terceira parte da Ética, dedicada à origem e à natureza dos afetos. Dentre os principais elementos a serem examinados estão os conceitos de afeto e afecção; a distinção entre ação e paixão; o conceito de conatus; a relação entre conatus, vontade, apetite e desejo; os afetos primários (desejo, alegria e tristeza) e secundários; a relação entre imaginação, memória e afetividade; a flutuação do ânimo; e a imitação afetiva. Com Espinosa, seria possível dizer que a reflexão sobre as questões sociais e políticas contemporâneas não pode prescindir da atenção à dimensão afetiva. Assim, a disciplina pretende oferecer subsídios conceituais que colaborem com essa discussão.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

SPINOZA, B. Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
ESPINOSA, B. Tratado teológico-político. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
ESPINOSA, B. Tratado político. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

Será apresentada no primeiro dia de aula.

TÓPICOS DE FILOSOFIA DA ARTE

Docente: Felipe Gall
Disciplina: Tópicos de Filosofia da Arte
Tema/subtítulo: Introdução à tragédia grega
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: segunda-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

O curso tem como objetivo apresentar uma introdução geral à tragédia grega, propondo discussões sobre o mistério de seu surgimento, seus desdobramentos e suas mutações, bem como os possíveis significados do termo "tragédia" e as várias concepções do fenômeno trágico. Para tanto, a proposta do curso é ler, analisar e comentar uma amostra selecionada de peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, pautando as diferenças de estrutura composicional, de cosmovisão e de tragicidade entre os três autores.

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia, tanto primária quanto secundária, será apresentada no primeiro dia de aula.

COLÓQUIO DE DOUTORANDOS

Docente: Edgar Marques
Disciplina: Colóquio de Doutorandos
Tema/subtítulo: Não há
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: segunda-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

A disciplina de Colóquio de Doutorandos consistirá em um encontro semanal que tem o objetivo de promover uma interlocução de espírito colaborativo entre os estudantes a respeito de seus projetos de pesquisa.

Metodologia: O debate deverá se estruturar a partir de um texto central para a pesquisa, a ser selecionado pelos respectivos apresentadores.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Não há.

QUESTÕES DE MATAFÍSICA

Docentes: Marco Casanova e Christiane Costa M. Fernandes
Disciplina: Questões de Metafísica
Tema/subtítulo: Projeto filosófico de Husserl nas Investigações Lógicas
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: Terça-Feira | Horário: 9:00 / 12:00

EMENTA

O curso propõe tematizar o projeto filosófico apresentado por Edmund Husserl nas Investigações Lógicas (1900/1901) e analisar seu ponto de sustentação, a saber, a defesa da possibilidade do discurso sobre objetualidades ideais a fim de fundamentar uma lógica pura. Para tanto, na primeira parte do curso, será necessário: (1) reconstruir o modo como Brentano concebe a intencionalidade enquanto relação; e (2) expor os pontos centrais do debate crítico promovido por alguns alunos de Brentano — dentre eles, o próprio Husserl — acerca dessa noção de intencionalidade. Na segunda parte do curso, a proposta é realizar uma leitura detida da primeira parte das Investigações Lógicas, intitulada Prolegômenos à Lógica Pura. Publicada em 1900 como um volume independente, essa obra ocupa um lugar de destaque no projeto das Investigações. Por meio da leitura desse primeiro volume, pretendemos abordar elementos do segundo volume; Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

DRUMMOND, J. J. Historical Dictionary of Husserl's Philosophy. Scarecrow Press, 2007.
HUSSERL, E. Investigações Lógicas. Prolegômenos à Lógica Pura, v. 1. Tradução Pedro Alves e Carlos Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
HUSSERL, E. Investigações Lógicas. Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento, v. II. Tradução Pedro Alves e Carlos Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
MOURA, C. A. Crítica da Razão na Fenomenologia. São Paulo: Edusp, 1989.
PORTA, M. A. G. (org.). Brentano e a sua escola. São Paulo: Loyola, 2014.
PORTA, M. Novas considerações sobre a relação entre Psicologia-Filosofia: estudos sobre a querela em torno ao psicologismo (Psychologismusstreit). Rio de Janeiro: Via Verita, 2024.
SOKOLOWSKI, R. Introdução à Fenomenologia. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
ZAHAVI, D. A fenomenologia de Husserl. Tradução Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

FILOSOFIA DA ARTE I

Docente: Ricardo Barbosa
Disciplina: Filosofia da Arte I
Tema/subtítulo: Lógica e estética de Baumgarten a Kant
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: terça-feira | Horário: 09h00–12h20

EMENTA

No semestre passado tratamos da "pré-história" do problema: analisamos as críticas de Leibniz ao critério cartesiano de verdade (clarté et distinction) e seus desdobramentos na Metafísica alemã e na Lógica alemã de Wolff. Vimos também como Wolff se ocupou dos conceitos de prazer e desprazer na Psicologia empírica, definindo a beleza, na esteira de Leibniz e Descartes, como a "perfeição de uma coisa, na medida em que esta, por sua própria força, é apta a produzir prazer em nós" (§ 544).

No próximo semestre trataremos primeiramente dos motivos pelos quais Baumgarten saiu em defesa da criação de uma nova disciplina: a Aesthetica. Entendida como uma "ciência do conhecimento sensível", complementar à lógica, a "ciência do conhecimento racional", ela seria destinada a resgatar a dignidade das percepções indistintas ou confusas, próprias ao conhecimento sensível, cuja perfeição seria justamente a beleza. Num segundo momento, veremos como Meier, discípulo de Baumgarten, tratou da unidade do lógico e do estético em sua Vernunftlehre, sobre cuja base Kant ministrou seus cursos de lógica. Por fim, passaremos às críticas de Kant a Meier e Baumgarten mediante a leitura de passagens selecionadas da Lógica e das Preleções de metafísica. Concentrando nossa atenção nas reflexões do Kant pré-crítico sobre o belo e o sentimento de prazer e desprazer, tentaremos mostrar que a crítica transcendental do gosto, tal como seria realizada na terceira Crítica, foi precedida por uma crítica "comunitarista" do gosto, de viés empírico e antropológico, embora já descomprometida com todo o legado da estética da perfeição sensível e suas distinções entre o claro e o obscuro, o distinto e o confuso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAUMGARTEN, A. G. Ästhetik. Lateinisch-deutsch. 2 vols. Tradução Dagmar Mirbach. Hamburgo: Felix Meiner, 2007.

BAUMGARTEN, A. G. Texte zur Grundlegung der Ästhetik. Tradução Hans Rodolf Schweizer. Hamburgo: Felix Meiner, 1983.
BAUMGARTEN, A. G. Vorlesung zur Logik. Tradução Alexander Aichele. Hamburgo: Felix Meiner, 2025.
BAUMGARTEN, A. G. L'invention de l'esthétique. Paris: Presses Universitaires de Paris Nanterre, 2017.
BAUMGARTEN, A. G. Estética: a lógica da arte e do poema. Tradução Miriam Sutter Medeiros. Petrópolis: Vozes, 1993.
BAUMGARTEN, A. G. Métaphysique. Paris: Vrin, 2019.
KANT, I. Crítica da razão pura. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
KANT, I. Crítica da faculdade do juízo. Tradução Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
KANT, I. Lógica. Tradução Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
KANT, I. Lições de metafísica. Tradução Bruno Cunha. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2022.
KANT, I. Reflexionen zur Ästhetik. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2009, p. 9–138.
KANT, I. Über ästhetische und logische Vollkommenheit. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 2009, p. 139–170.
LOBEIRAS, M. J. V. Las raíces de la estética en el marco de la lógica y la filosofía de la conciencia del racionalismo. Agora – Papeles de filosofía, v. 23, n. 2, 2003, p. 37–63.
LOBEIRAS, M. J. V. Lógica Philippi: apuntes de Kant sobre estética. Agora – Papeles de filosofía, v. 22, n. 2, 2003, p. 13–36.
LOBEIRAS, M. J. V. Estudio preliminar. In: KANT, I. Lógica: un manual de lecciones. Madrid: Akal, 2000, p. 13–68.
MEIER, G. F. Auszug aus der Vernunftlehre. Norderstedt: Hansebooks, 2016.

METAFÍSICA II

Docente: Alexandre Marques Cabral
Disciplina: Metafísica II
Tema/subtítulo: Crítica da razão corporal: dos corpos morais e biomédicos às corporeidades dissidentes
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: terça-feira | Horário: 9h00–12h20

EMENTA

Caracterização dos corpos moral, carnal e biomédico, a partir de análises textuais de Platão, Agostinho, Descartes e Foucault. Explicitação do caráter histórico do corpo à luz de Nietzsche e Foucault. Tematização da relação entre corpo, poder, gênero e sexualidade em Foucault, Judith Butler, Paul Beatriz Preciado e textos sobre não monogamia. Explicitação da relação entre corpo, racismo, transe e resistência.

Programa:

1. Corpo moral, corpo carnal e corpo biomédico

1.1. Corpo, cárcere da alma: do platonismo aos nossos dias

1.2. Corpo carnal e culpa: o exemplo de Santo Agostinho

1.3. Alma, cárcere do corpo: entre Descartes e Foucault

1.4. Corpos biomédicos

2. Nietzsche e Foucault: corpo, poder e genealogia

2.1. Corpo e vontade de poder, em Assim falou Zaratustra

2.2. Corpo e genealogia em Para a genealogia da moral

2.3. Corpo e poder em Vigiar e punir.

3. Corpo, política e gênero

3.1. Corpo, poder e sexualidade em Foucault

3.2. Gênero, corpo e identidade em Judith Butler

3.3. Butler e as identidades queer

3.4. Preciado e os corpos protéticos

3.5. Preciado e a monstruosidade queer

3.6. Corpos não-manogâmicos e o escândalo da norma

4. Corpo, raça e transe

4.1. Corpo, subjetivação e alteridade negra: entre Grada Kilomba e Neusa de Souza Santas

4.2. Transe, macumba e resistência corporal

BIBLIOGRAFIA:

Será divulgada no primeiro encontro.

QUESTÕES DE ESTÉTICA

Docentes: Marcos Rosa e Natália Rodrigues
Disciplina: Questões de Estética
Tema/subtítulo: Literatura, Cinema, Filosofia e a Ideia de "Formação"
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: terça-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

Tendo como ponto de partida o conceito de "formação" tal como caracterizado por Antônio Candido em Formação da Literatura Brasileira, o curso pretende investigar como esse conceito é explorado por outras pensadoras e pensadores no contexto de reflexões sobre o estatuto da literatura, do cinema e da filosofia no Brasil.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

ARANTES, Paulo. Um departamento Francês de Ultramar. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. São Paulo: Todavia, 2023.
CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: A Educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Todavia, 2023.
GOMES, Paulo Emílio Salles. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. In: Cinema e Política. São Paulo: Companhia das Letras, 1921.
SOUZA, Gilda de Mello e. Exercícios de Leitura. São Paulo: Editora 34, 2009.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. In: Roberto Schwarz. Essencial. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-1969. In: Roberto Schwarz. Essencial. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: Roberto Schwarz. Essencial. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
XAVIER, Ismail. Sertão mar: Glauber Rocha e a Estética da Fome. São Paulo: Editora 34, 2009.

FILMOGRAFIA

ROCHA, Glauber. Deus e o Diabo na Terra do Sol. 1963.
ROCHA, Glauber. Terra em Transe. 1963.

QUESTÕES DE FILOSOFIA POLÍTICA

Docente: Izabela Bocayuva
Disciplina: Questões de Filosofia Política
Tema/subtítulo: Metafísica – Política – Retórica da Persuasão
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: terça-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

Investigação crítica das bases políticas da primeira formulação metafísica em Platão e da retórica como instrumento de persuasão. A investigação não se limita ao estudo de obras platônicas, nem mesmo da antiguidade. Ela se estende à história hegemônica da Filosofia ocidental traçada a partir do século XIX e perpetuada até hoje enquanto pensamento superior.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

PLATÃO. República, Fédon, Parmênides, Teeteto, Protágoras, Górgias, Sofista, Político, Leis.
ARISTÓTELES. Metafísica, Política, Ética a Nicômaco, A Constituição de Atenas.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

BERNAYS, Edward. Propaganda. Tradução Luis Paixão Martins. Lisboa: Zigurate, 2024.
CLASTRES, Pierre. A Sociedade contra o Estado. Tradução Theo Santiago. São Paulo: UBU, 2017.
SAID, Edward. Orientalismo. Tradução Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
VEGETTI, Mario. Um paradigma no Céu: Platão político, de Aristóteles ao século XX. Tradução Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Annablume, 2010.

QUESTÕES DE TEORIA DO CONHECIMENTO

Docente: Luiz Carlos Pinheiro Dias Pereira
Disciplina: Questões da Teoria do Conhecimento
Tema/subtítulo: Epistemologia da lógica
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: quarta-feira | Horário: 09h00–12h20

EMENTA

O objetivo principal desse curso é explorar a discussão contemporânea em epistemologia da lógica para discutir alguns dos principais problemas da Filosofia da Lógica: (1) O que torna uma inferência válida? (2) Podemos justificar uma inferência lógica? Podemos diferenciar, no âmbito das inferências lógicas, algumas inferências como inferências básicas? (3) Qual a relação entre nossas práticas dedutivas e nossas teorias lógicas/sistemas de lógica? (4) Seria possível compatibilizar uma natureza descrita com uma natureza normativa com relação às inferências lógicas? (5) Podemos passar a adotar uma nova inferência em nossa prática dedutiva? Há algum limite para essa adoção?

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

SILVA, Marcos. A Espiral Normativa: Neopragmatismo na Revisão da Lógica.
PADRÓ, Romina (Romina Padro Birman). What the Tortoise Said to Kripke: the Adoption Problem and the Epistemology of Logic.
PRAWITZ, Dag. Sobre a verdade das Proposições Morais e das Proposições da Lógica.
FAIRBANK, Viviane; HLOBIL, Ulf. The Adoption Problem in the Philosophy of Logic.

QUESTÕES DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Docente: Paulo Gil Ferreira
Disciplina: Questões de Filosofia Contemporânea
Tema/subtítulo: Husserl e a crise da razão na contemporaneidade
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: quarta-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

Este curso pretende realizar uma interpretação avançada da obra de maturidade de Edmund Husserl, "A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental", a partir da distinção sistemática de seus principais temas e da confrontação histórica com seus principais interlocutores, tanto em uma visão retrospectiva quanto prospectiva. A perspectiva de leitura da obra consiste, sobretudo, em investigarmos sua vinculação a uma proposta ética, bem como a uma filosofia da história, expressas em uma teleologia específica. Em resumo, o curso não se restringe à mera elucidação conceitual da obra, mas almeja debater a crise das ciências em vista da crise do projeto civilizatório fundado no ideal de racionalidade.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

HUSSERL, Edmund. A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
HUSSERL, Edmund. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
HUSSERL, Edmund. Investigações Lógicas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
HUSSERL, Edmund. Husserliana: Edmund Husserl – Gesammelte Werke. Den Haag/Dordrecht: Martinus Nijhoff/Springer, 1950–. Vários volumes.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: Ensaios e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2002.
ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
DERRIDA, Jacques. Introduction à l'origine de la geometrie. Paris: PUF, 1962.
DERRIDA, Jacques. A voz e o fenômeno. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
LOHMAR, Dieter. Die phänomenologische Methode der Wesensschau und ihre Präzisierung als eidetische Variation. In: Phänomenologische Forschungen. Hamburgo: Felix Mener Verlag, 2005.

MOHANTY, Jitendra Nath. Edmund Husserl's Freiburg Years: 1916-1938. Connecticut: Yale University Press, 2011.

TÓPICOS ESPECIAIS DE FILOSOFIA POLÍTICA

Docente: Dirce Eleonora Nigro Solis
Disciplina: Tópicos Especiais de Filosofia Política
Tema/subtítulo: Políticas da Amizade
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: Quarta-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

Trata-se da discussão de questões trazidas pelo texto Políticas da Amizade de Jacques Derrida onde é apresentada uma aporia praticamente insolúvel, a partir de citação atribuída a Montaigne sobre o texto de Aristóteles: “Oh amigos, não há nenhum amigo”. Há todo um histórico pertinente sobre a amizade e Derrida instiga a pensar a questão no campo da desconstrução. Retomaremos, então, a passagem sobre a amizade em Aristóteles, passaremos por Kant e também por Nietzsche e outros. Iremos investigar, a partir destas observações, a relevância do tema para o mundo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

DERRIDA, Jacques. Políticas da Amizade. Tradução Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2003.
DERRIDA, Jacques. O Monolinguismo do Outro ou a Prótese de Origem. Tradução Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martins Claret, 2007. Livros VII e IX.
ARISTÓTELES. Sobre la Amistad (Ética a Nicômaco). Tradução Maria Araujo e Julián Marias. Barcelona: Ediciones Folio.
KANT, I. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Tradução Paulo Quintela. São Paulo: Victor Civita, 1984.
NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TÓPICOS ESPECIAIS DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Docente: Camila Jourdan
Disciplina: Tópicos Especiais de Filosofia Contemporânea
Tema/subtítulo: Interfaces ético-linguísticas no funcionamento da negação: uma abordagem wittgensteiniana
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: quarta-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

Na Gramática Filosófica e nas Remarks on Foundations of Mathematics, Wittgenstein tem uma série de observações sobre o funcionamento da negação, diferenciando o negar externo do negar interno a um sistema de proposições. Outras diferenças importantes são traçadas no período intermediário e na obra tardia do filósofo, seja entre o funcionamento da negação quando diz respeito às proposições empíricas, ou quando se pretende negar uma proposição necessária/gramatical; seja ainda no que está envolvido na negação da generalidade enquanto distinta da negação de sentenças particulares. Neste curso, pretendo retomar essas passagens e discutir tipos de negação que possam auxiliar a abordar questões éticas e linguísticas envolvidos em desacordos profundos. Serão diretamente abordados os seguintes temas: demonstrações de impossibilidade; procedimentos por redução ao absurdo; funcionamento das demonstrações por figuras; o que significa negar uma imagem; papel performativo da normatividade.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

WITTGENSTEIN, L. Da Certeza. Tradução Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, s.d.
WITTGENSTEIN, L. Lecciones y conversaciones sobre estética, psicologia y creencia religiosa. Tradução Isidoro Reguera. Barcelona: Ediciones Paidós, 1992.
WITTGENSTEIN, L. Remarks on Foundations of Mathematics. Oxford: Blackwell, 1967.
WITTGENSTEIN, L. Philosophical Grammar. Oxford: Blackwell, 1974.
WITTGENSTEIN, L. Cultura e Valor. Tradução Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2020.
ROUTLEY, R.; ROUTLEY, V. Negation and Contradiction. Revista Colombiana de Matemáticas, v. XIX, 1985, p. 201–231.
PEREIRA, L. C. O que Waissmann poderia ter dito a Wittgenstein mas… Analytica, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2013, p. 279–289.
NARBOUX, Jean Philippe. Negation et Dimension.
NARBOUX, Jean Philippe. The Threefold Puzzle of Negation. In: Limits of Intelligibility. London: Routledge, 2022, p. 154–194.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

PEREIRA, L. C. Wittgenstein e o Mistério da Negação.

RADI, B. Desacordo profundo, ignorância ativa e ativismo epistêmico. Tradução Cello Pfeil e Camila Jourdan. Revista Tapuia, v. 2, n. 4, 2024. DOI: https://doi.org/10.29327/2128853.2.4-3

MARTINS, Helena. Novel Metaphor and Stability conceptual. DELTA, 22: Especial, 2006, p. 123–145.

MONTEIRO, Juliana. Quando se diz "não". Revista Cult – 2020: Uma Revisão, ed. 261. São Paulo: Bregantini, 2021, p. 32–35.

TÓPICOS DE ESTÉTICA

Docente: Marcela Oliveira
Disciplina: Tópicos de Estética
Tema/subtítulo: Escrita moderna por mulheres: sobre silêncio e sons
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: quinta-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

Em meio às configurações tradicionais de gênero e aos novos desafios da modernidade, autoras célebres do século XX e XXI elaboraram importantes reflexões literárias sobre o "feminino", a identidade, a existência, o amor e a própria escrita. Veremos textos breves, com diferentes estilos (conto, narrativa curta, crônica, ensaio, poema), que lidam com os extremos do silêncio e da fala, da dor e do riso, do eu e do outro. O objetivo é ler e debater esses textos, com amparo teórico dos campos da Estética e da Filosofia Contemporânea, para refletir sobre distinções de gênero (entre masculino e feminino, e sobre essa estrutura binária), bem como sobre os gêneros literários, tendo em vista a articulação entre forma e conteúdo nas obras.

PROGRAMA

Família e sofrimento: "A gentil Lena", de Gertrude Stein.
Intensidade no instante: "Êxtase", de Katherine Mansfield.
Descoberta: "Uma escola de mulheres vista de fora", de Virginia Woolf.
Universos distintos e conjugados: "Ele e eu", de Natalia Ginzburg.
Dizer as mesmas palavras: "A história imortal", de Karen Blixen.
Mistério de ser: "O ovo e a galinha", de Clarice Lispector.
Limites de si: "Paixão simples", de Annie Ernaux.
Identidade e diferença: "Ser ou tornar-se o estrangeiro", de Toni Morrison.
Bocas de mulher: "O gênero do som", de Anne Carson.
Imaginar uma saída: "Ofélia aprende a nadar", de Ana Martins Marques.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

BLIXEN, Karen. Anedotas do destino. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
CARSON, Anne. O gênero do som. Rio de Janeiro: Serrote 34, março 2020.
ERNAUX, Annie. Paixão simples. São Paulo: Fósforo, 2023.
GINZBURG, Natalia. As pequenas virtudes. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
LISPECTOR, Clarice. A Legião Estrangeira. São Paulo: Ática, 1977.
MANSFIELD, Katherine. Contos. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
MARQUES, Ana Martins. Risque esta palavra. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MORRISON, Toni. A origem dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
STEIN, Gertrude. Três vidas. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
WOOLF, Virginia. Contos completos. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
CIXOUS, Hélène. O Riso da Medusa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

TÓPICOS ESPECIAIS DE TEORIA DO CONHECIMENTO

Docentes: Daniel de Vasconcelos Costa e Marcelo de Araujo
Disciplina: Tópicos Especiais de Teoria do Conhecimento
Tema/subtítulo: Negacionismo e seus impactos na ciência e na política
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: quinta-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

Em termos simples, o negacionismo é o questionamento da veracidade daquilo que muitos chamariam de fatos ou consensos científicos, como a existência da mudança climática antropogênica, ou de processos políticos, como o eleitoral, seja através da sua negação, com a defesa da impossibilidade da sua ocorrência, ou pela afirmação e defesa de uma tese contrária, como ocorre no caso do Terraplanismo. O negacionismo é um fenômeno social complexo que possui diferentes níveis, que variam do individual até o nível coletivo, e com consequências perniciosas para a sociedade como um todo. O presente curso tem como objetivo estudar o fenômeno do negacionismo e suas consequências sociais e políticas.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

BARDON, Adrian. The truth about denial: Bias and self-deception in science, politics, and religion. New York: Oxford University Press, 2020.

LEVY, Neil. Due deference to denialism: explaining ordinary people's rejection of established scientific findings. Synthese, v. 196, n. 1, p. 313-327, 2019.

LEVY, Neil. Bad beliefs: Why they happen to good people. New York: Oxford University Press, 2022.

ORESKES, Naomi; CONWAY, Erik M. Merchants of doubt: How a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming. New York: Bloomsbury Press, 2010.

SPECTER, Michael. Denialism: How irrational thinking hinders scientific progress, harms the planet, and threatens our lives. New York: The Penguin Press, 2009.

FILOSOFIA POLÍTICA II

Docente: Tito Marques Palmeiro
Disciplina: Filosofia Política II
Tema/subtítulo: 1964 e o pensamento
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: quinta-feira | Horário: 16h00–19h20

EMENTA

Bolsonarismo, neoliberalismo, entreguismo ou fascismo são alguns dos termos empregados para nomear as ameaças colocadas à vida do país, mas todos têm o inconveniente de ser desenraizados de nossa história, pois ou têm uma origem na Europa (neoliberalismo e fascismo) ou são tomados como fenômenos sem antecedentes (bolsonarismo e entreguismo). O curso propõe tomar o golpe militar de 1964 e a história das Forças Armadas brasileiras como a explicação principal de nossas ameaças atuais.

O militarismo, o golpe de 1964 e os vinte e um anos da ditadura são estudados por diversas disciplinas, como a história, a sociologia ou a economia. Há, no entanto, uma notável exceção: a filosofia. É surpreendente que as pesquisas em filosofia no Brasil discutam a Revolução Francesa, os anos 1930 na Alemanha, o Holocausto, o 11 de setembro e outros marcos da história europeia e americana, mas não sintam necessidade de pensar algo tão próximo e decisivo para todos nós hoje.

A ausência de estudos anteriores será tomada como oportunidade para pôr em questão a própria filosofia brasileira, pois só pensando a partir daqui poderemos compreender o que aconteceu em 1964 e o que ainda nos ameaça.

BIBLIOGRAFIA INICIAL

COUTO E SILVA, Golbery. Geopolítica do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
BRASIL. Comissão Nacional da Verdade (volumes 1 e 2). Brasília: CNV, 2014.
BRASIL. Escola Superior de Guerra. Manual Básico. Rio de Janeiro: ESG, 1979.
MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil, 1961-1964. São Paulo: UNERSP, 2001.
ROMERA VALVERDE, A. J. Pensar o Brasil, desde a Filosofia. Revista de Filosofia Aurora, 35, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/2965-1557.35.e202330183.

ARQUIVOS EM LINHA

Arquivos pessoais no CPDOC da FGV.
Documentos sobre o período no Arquivo Nacional.
Jornais do período na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

TÓPICOS ESPECIAIS DE FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS

Docentes: Antonio Augusto e Marcelo Penna-Forte
Disciplina: Tópicos Especiais de Filosofia das Ciências
Tema/subtítulo: Representações científicas, compreensão e autoridade pública da ciência
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: sexta-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

Acompanhando as principais viradas da epistemologia recente (semântica, perspectivista, prática, visual e a revalorização da compreensão), a disciplina investiga profundas reconfigurações contemporâneas na imagem filosófica da atividade científica. Partindo da superação de uma concepção estritamente proposicional, monista e aperspectiva do saber — que concebia o conhecimento como espelho desincorporado —, o percurso examina a ciência como um ecossistema complexo de práticas materiais, cognitivas e sociais de mediação. O fio condutor orienta-se por uma radical reabilitação pragmática da metáfora cartográfica associada à representação científica. Longe da ambição ilusória de uma escala 1:1 ou de uma reprodução perfeita da realidade que substitui, a legitimidade dos mapas reside fundamentalmente em sua eficácia. Bons mapas atuam como vetores funcionais de orientação e intervenção. Em três partes iniciais, examinaremos como dados são estabilizados em fenômenos, como modelos atuam enquanto mediadores autônomos, como a objetividade se constrói no atrito de perspectivas situadas e como a racionalidade científica se ancora na concretude de práticas, processos cognitivos situados, cultura material e zonas de troca. Em seguida, em duas partes, indicaremos que, ao libertar a representação da tutela estritamente linguística, o exame das visualidades abre espaço para compreender a inteligibilidade como a maneira pela qual seres humanos, mobilizando suas capacidades cognitivas e corporificadas, produzem orientação e habitam o mundo. Finalmente, o último encontro propõe pensarmos a ciência como um conjunto de arquiteturas epistêmicas: arranjos institucionais e materiais falíveis, cooperativos e reflexivos cuja autoridade pública e robustez emergem não de uma marcha linear rumo à certeza, mas da confluência crítica necessária para que populações finitas naveguem a complexidade e sustentem seu acoplamento com o mundo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Natureza e modos de representações científicas.

2. Natureza do conhecimento, verdade e objetividade.
3. Naturalismo e o caráter transdisciplinar da filosofia da ciência.
4. Construção técnica e social de representações visuais.
5. Entendimento e inteligibilidade.
6. Robustez e autoridade pública da ciência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHIRIMUUTA, Mazviita. The Brain Abstracted: Simplification in the History and Philosophy of Neuroscience. Cambridge, MA: The MIT Press, 2024.
DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. Objectivity. New York: Zone Books, 2007.
DE REGT, Henk W. Understanding Scientific Understanding. Oxford: Oxford University Press, 2017.
GIERE, Ronald N. Scientific Perspectivism. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
HACKING, Ian. Representing and Intervening. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
HENTSCHEL, Klaus. Visual Cultures in Science and Technology. Oxford: Oxford University Press, 2014.
KITCHER, Philip. Science in a Democratic Society. New York: Prometheus Books, 2011.
MASSIMI, Michela. Perspectival Realism. Oxford: Oxford University Press, 2022.
MORGAN, Mary S.; MORRISON, Margaret (org.). Models as Mediators. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
NERSESSIAN, Nancy J. Creating Scientific Concepts. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.
ORESKES, Naomi. Why Trust Science? Princeton: Princeton University Press, 2019.
SUPPE, Frederick (org.). The Structure of Scientific Theories. Urbana: University of Illinois Press, 1977.

FILOSOFIA MEDIEVAL I

Docente: Pedro Thyago dos Santos Ferreira
Disciplina: Filosofia Medieval I
Tema/subtítulo: Liberdade em Pedro de João Olivi (Summa II, q. 57)
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: sexta-feira | Horário: 12h30–15h50

EMENTA

O filósofo e teólogo franciscano Pedro de João Olivi (1248-1298) é reconhecido na literatura secundária como um ferrenho libertário. De fato, ele endossa que um agente livre (ou seja, dotado de vontade) é capaz de mover a si, o que inclui duas características. Em primeiro lugar, um agente é capaz de mover a si mesmo quando provoca, sozinho, o seu ato, o que implica que nem a coisa nem outro agente têm o papel de levá-lo a agir: ele o faz, antes, por conta própria. Olivi ilustra isso com a alegação de que o automovente é um primeiro motor: ele move (ou seja, atua) sem ser movido por outro (isto é, sem que a sua atuação seja resultado de alguma causa anterior atuando sobre ele). Vê-se aqui um antecedente da tese libertária da causação do agente proposta por R. Chisholm, interação causal em que certo evento (como um ato) é causado pelo próprio agente, e não por algum outro evento quer interno a ele (como um desejo e uma crença sua) quer externo a ele (por exemplo, outro agente). Em segundo lugar, o automovimento denota que o agente livre pode controlar não só se agirá, mas também a que o seu ato se direcionará e com que intensidade este será realizado. Com efeito, Olivi afirma que um automovente tem domínio sobre si, de forma que ele pode: (a) agir ou não; (b) tomar esta, ou então aquela, coisa como objeto do ato que pratica; (c) efetuar atos de maior ou menor intensidade; (d) produzir atos voltados à coisa externa ou então atos reflexivos. Nesse ponto, nota-se alguma semelhança com o assim chamado princípio das possibilidades alternativas, a saber, “uma pessoa é moralmente responsável pelo que fez apenas se ela poderia ter feito diferentemente”. Percebe-se também que Olivi conecta a possibilidade de reflexão ou introspecção à liberdade.

Ademais, Olivi busca provar “fenomenologicamente” que somos livres. Para tanto, ele considera um conjunto de afetos (*affectus*) humanos: ira e compaixão, glória e vergonha, amizade e inimizade, gratidão e ingratidão, autonomia e reverência, confiança e desconfiança, responsabilidade e negligência. Conforme o autor, tais afetos atestam claramente, seja por uma

experiência interna ao agente ou pelas suas reverberações públicas, a existência da liberdade. Afinal, eles só têm sentido porque o agente que os possui ou ao qual eles se direcionam é livre. Por exemplo, Olivi diz que afeto do zelo ou da ira não se volta para "um mal realizado por um animal selvagem ou por qualquer um que não tenha o uso do livre-arbítrio [...]. Aquele que se ira sente isso, então, somente sobre aquele que não devia fazer isso e que podia evitar e se precaver dele, e é nesse sentimento que se fundamenta o impulso de zelo e ira" (Summa II, q. 57 [ed. Jansen, II, p. 317]). Contemporaneamente, essa análise ressurgirá com a noção de atitudes reativas defendida por P. F. Strawson, mas com uma diferença importante: enquanto Strawson argumenta que as nossas reações emocionais de culpabilizar ou elogiar a outrem se sustentam sem a necessidade de liberdade, Olivi insiste que tais reações exigem como condição imprescindível, para a sua utilidade nas relações humanas, que haja liberdade nos moldes libertários.

O texto central desta disciplina será Summa II, q. 57, intitulado "se há livre-arbítrio no ser humano, isto é, se se admite no ser humano algo pelo qual ele possa agir de algum modo livre" e com tradução inédita para o português ainda em preparação. Pretendemos alcançar dois objetivos: por um lado, fornecer aos alunos uma primeira aproximação a esse tema na escolástica e, particularmente, em Olivi; por outro, discutir, na medida do possível, as escolhas de tradução tomadas.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia primária:

Material base:

PEDRO DE JOÃO OLIVI. *Summa* II, q. 57, corpo da questão [tradução do professor]

Materiais de consulta:

PETRUS IOHANNIS OLIVI. *Quaestiones in Secundum Librum Sententiarum*. Vol. II. Ed. B. Jansen. Quaracchi: Collegium S. Bonaventurae, 1924, pp. 305-394 [edição crítica de *Summa* II, q. 57].

PETER JOHN OLIVI. *Questions on the Second Book of the Sentences, questions 57-59*. Trad. N. Lewis, 2022. Disponível em: <https://spot.colorado.edu/~pasnau/duke/> [tradução inglesa parcial, não publicada].

PETRUS JOHANNES OLIVI. *Quaestio an in homine sit liberum arbitrium. Über die menschliche Freiheit.* Trad. P. Nickl. Freiburg: Herder, 2006 [tradução completa em alemão].

Bibliografia secundária:

Esta listagem é parcial e não esgota a literatura sobre Olivi:

BETTONI, E. *Le dottrine filosofiche di Pier di Giovanni Olivi.* Milão: Vita e Pensiero, 1959.

CENCI, M. P. "A indeterminação da vontade em Pedro de João Olivi". *Thaumazein* 11 (2013), pp. 246-265.

CHISHOLM, R. M. 1964. *Human Freedom and the Self*. The Lindley Lectures. Kansas: University of Kansas.

COREN, D. "Freedom, Gratitude, and Resentment: Olivi and Strawson". *Res Philosophica* 96 (2019), pp. 1-19.

DEZZA, E. "A liberdade da vontade: uma proposta medieval para um problema atual". *Scintilla* 19 (2022), pp. 103-128.

FERRO, N. V. D. R. "*Animal rationale* ou *bestia intellectualis*? Vontade e Natureza: Tomás de Aquino – Duns Escoto". *Itinerarium* 56 (2010), pp. 319-340.

HOFFMANN, T. *Free Will and the Rebel Angels in Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, pp. 84-91.

KAYE, S. M. "Why the Liberty of Indifference Is Worth Wanting: Buridan's Ass, Friendship, and Peter John Olivi". *History of Philosophy Quarterly* 21 (2004), pp. 21-42.

PASNAU, R. "Olivi on Human Freedom". In: BOUREAU, A.; PIRON, S. (eds.). *Pierre de Jean Olivi (1248-1298): Pensée scolastique, dissidence spirituelle et société*. Paris: Vrin, 1999, pp. 15-25.

PERLER, D. "Olivi on Personhood and Reflexivity". In: BOBILLIER, S.; THORNTON, R. (eds.). *Peter of John Olivi: Construction of the Human Person. Anthropology, Ethics, and Society*. Acts of the Colloquium of Rome (4-6 October 2018). Roma: Editiones Collegii S. Bonaventurae Ad Claras Acquas, 2021, pp. 17-42.

STRAWSON, P. F. "Freedom and Resentment". In: STRAWSON, P. F. *Freedom and Resentment and Other Essays*. Londres/Nova York: Routledge, 2008, pp. 1-28.

SZLACHTA, M. "Peter John Olivi, Free Will, and the Threefold *Aspectus*". *Rechérche de Théologie et Philosophie médiévales* 85 (2018), pp. 285-307.

SZLACHTA, M. "Why Did You Choose That? Choice and Reasons in Peter of John Olivi's *Summa*". In: BOBILLIER, S.; THORNTON, R. (eds.). *Peter of John Olivi: Construction of the Human Person. Anthropology, Ethics, and Society*. Acts of the Colloquium of Rome (4-6 October 2018). Roma: Editiones Collegii S. Bonaventurae ad Claras Acquas, 2021, pp. 155-177.

WHITEHOUSE, D. "Peter Olivi's Dialogue with Aristotle on the Emotions". *Franciscan Studies* 70 (2012), pp. 189-245.

Link para acesso aos materiais:
https://drive.google.com/drive/folders/1OZhVZjD8KeCTgFcrvjxE7tdPhYI0ZVuz?usp=drive_link

TÓPICOS DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Docente: Fabiano Lemos
Disciplina: Tópicos de filosofia contemporânea
Tema/subtítulo: Epistemologia política da pesquisa filosófica
Carga horária: 60 horas | Créditos: 4
Dia: sexta-feira | Horário: 16h00–19h20

EMENTA

A construção do método filosófico, apesar de compreender uma etapa importante na elaboração de pesquisas acadêmicas, revela muitas vezes a adoção inquestionada de premissas que não dizem respeito apenas a axiomas lógico-metafísicos, mas, também, a posições e comprometimentos políticos pouco elaborados na maioria das pesquisas acadêmicas. Envolvidas na construção argumentativa mais especializada, tais pesquisas não levam em consideração de modo suficientemente explícito como noções como verdade, sujeito, realidade e conceito podem, de muitos modos, determinar a vocação política de uma pesquisa, mesmo à revelia de sua autora/seu autor. Através de um seminário voltado para a discussão desses elementos considerados fundamentais — e para sua formação histórica, ou seja, sua contingência — o curso pretende propor uma reflexão sobre o modo como cada aluno se situa quanto às premissas políticas de seus trabalhos.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

A bibliografia será apresentada no primeiro dia de aula.